

Metodologia participativa

Uma introdução a
29 instrumentos

2ª Edição

© dos autores
1ª edição 2001
2ª impressão 2004
3ª impressão 2005
2ª edição 2010

Direitos reservados desta edição: Tomo Editorial Ltda.

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em www.tomoeditorial.com.br

Capa:

Roberto Silva

Revisão:

Mariane Farias

Diagramação:

Krishna Chiminazzo Predebon

Tomo Editorial

Editor:

João Carneiro

CTP, impressão e acabamento:

Gráfica Editora Pallotti, Santa Maria, RS

B874m Brose, Markus
Metodologia participativa : uma introdução a 29 instrumentos /
Markus Brose (Org). – 2. ed. – Porto Alegre : Tomo Editorial, 2010.
328 p.
(Coleção Participe).
ISBN 978-85-86225-66-6.

1. Metodologia científica – Método participativo. I. Título.

CDU 001.89

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

Coleção **PARTICIPE**

Volume 1

Metodologia participativa

Uma introdução a
29 instrumentos

2ª Edição

Organizador
Markus Brose

Sumário

Introdução	9
-------------------------	---

TRABALHO EM GRUPO PARTICIPATIVO

Moderação

<i>Maria Madalena Colette</i>	13
-------------------------------------	----

Enfoque Participativo no Trabalho com Grupos

<i>Sérgio Cordioli</i>	21
------------------------------	----

Ao Ritmo do Corpo – Trabalho Corporal Expressivo: um método de trabalho com grupos

<i>Luiz Marina Gutiérrez Haan</i>	43
---	----

INSTRUMENTOS DE CAPACITAÇÃO

CEFE: Conheça as suas competências, defina seu caminho e melhore a sua realidade: um novo método cativa o Brasil

<i>Hans-Jürgen Fiege</i>	49
--------------------------------	----

Método Pedagógico Capacitação Imersa: para um apoio eficaz à economia sustentável dos assentamentos rurais e suas organizações

<i>Eugenio Giovenardi</i>	59
---------------------------------	----

INSTRUMENTOS DE REFLEXÃO GRUPAL E DIAGNÓSTICO

Diagnóstico Rápido Participativo (DRP): uma ferramenta de ação e aprendizagem coletiva

<i>Marcos Affonso Ortiz Gomes</i>	67
---	----

Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP)

<i>Jones Susin, Luis Paulo Arena Alves, Maria Eliete Gomes</i>	81
--	----

Diagnóstico Organizacional Participativo (DOP): um olhar diferente sobre a realidade organizacional

<i>Flávia Luciana Naves, Luiz Antonio Staub Mafra, Marcos Affonso Ortiz Gomes, Robson Amâncio</i>	89
---	----

Diagnóstico Rápido Económico Participativo (DREP): uma experiencia integradora

<i>Eduardo Pereyra</i>	99
------------------------------	----

A Trajetória das Abordagens Participativas para o Desenvolvimento na Prática das ONGs no Brasil	
<i>Jean Marc von der Weid</i>	107
Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação (DiPUC)	
<i>Maria Alice Salles Moura</i>	115

INSTRUMENTOS DE REFLEXÃO GRUPAL E PLANEJAMENTO

Oficina do Futuro como Metodologia de Planejamento e Avaliação de Projetos de Desenvolvimento Local	
<i>Horst Matthäus</i>	125
Método dos 10 Passos: o diálogo como ferramenta básica da participação na comunidade rural	
<i>Markus Brose</i>	135
O Planejamento Estratégico e Situacional (PES)	
<i>Jackson De Toni</i>	143
O Planejamento Estratégico Situacional e Participativo	
<i>Alexandre Fortes</i>	155
Onze Passos do Planejamento Estratégico-Participativo	
<i>Marcos José Pereira da Silva</i>	163
O Método ZOPP para Planejamento e Gestão de Projetos	
<i>Markus Brose</i>	181
13 anos de MAPP do B	
<i>Ivan Jairo Junckes</i>	189
A Consultoria Organizacional Participativa: um instrumento de trabalho junto às organizações de agricultores familiares e pescadores artesanais	
<i>Dunja Brede</i>	197
Método de Resolução de Problemas (MRP)	
<i>Cesar Bujes</i>	207

INSTRUMENTOS DE GESTÃO PARTICIPATIVA EM ÂMBITO MUNICIPAL

Orçamento Participativo no Brasil: Porto Alegre e Recife	
<i>Evanildo Barbosa da Silva</i>	217
Diagnóstico Participativo de Vantagens Competitivas – PACA (Projeto Marketing Municipal): vantagens competitivas sistêmicas no âmbito do fomento local e regional de ocupação e renda	
<i>Jörg Meyer-Stamer, Jairo Aldo da Silva</i>	229

A Gestão Participativa para o Desenvolvimento Local – Método GESPAR	
<i>Tania Zapata</i>	235
Método de Autodiagnóstico das Potencialidades Municipais e Planejamento de Ação (MAMPLA)	
<i>Antonio Elgma Araújo</i>	247
Gestão Participativa do Desenvolvimento Rural – GAP	
<i>Markus Brose</i>	259
PEM Revisitado: como <i>Balanced Scorecard</i> e Gerenciamento de Projetos podem aperfeiçoar o Planejamento Estratégico Municipal	
<i>Peter Pfeiffer</i>	265
O planejamento estratégico e participativo do desenvolvimento de municípios predominantemente rurais	
<i>Oscar José Rover</i>	289

INSTRUMENTOS DIVERSOS

O Marco Lógico: instrumento de gestão e comunicação	
<i>Markus Brose</i>	299
As Técnicas Participativas Na Pesquisa Agrícola: fundamentos teóricos e algumas dificuldades práticas	
<i>João Carlos Costa Gomes</i>	307
Monitoria e Avaliação Participativa: indicações para a prática	
<i>Markus Brose</i>	315
Autores	323

INTRODUÇÃO

A partir do início do processo de redemocratização do país em 1985, a palavra e o conceito da participação ganhou amplitude para quem trabalha no setor público e nas organizações da sociedade civil. Participação passou a ser um conceito muito comum nos debates, nos textos, nos projetos e sites da internet. Porém, a confusão conceitual e a desinformação reinante quanto à participação são atordoantes, e esta constitui a motivação para a elaboração deste livro.

Para muitos, a participação se resume à aplicação de certas ferramentas, como a realização de assembleias, a criação de um conselho gestor ou o uso de um método de planejamento. Este entendimento mascara, porém, que o debate sobre a participação refere-se ao cerne de nossa sociedade, à questão do poder. Participação significa acesso ao poder. Poder para tomar decisões, para alocar recursos, para iniciar e encerrar projetos.

O principal instrumento de participação em nossa sociedade é o voto. O direito ao voto universal e secreto, em intervalos regulares, permite o rodízio de quem tem poder. Este princípio básico de nossa sociedade garante a democracia, mas não é suficiente para a participação em esferas que vão além da campanha eleitoral. Daí a necessidade de outras formas de exercer a participação, em especial na esfera local de nossa atividade cotidiana. Este é o contexto a partir do qual uma série de instrumentos que possibilitam operacionalizar a participação foi desenvolvida e testada a partir dos anos 1990.

Esta publicação é um manifesto contra a ditadura dos métodos. Queremos apresentar ao(a) leitor(a) a ideia de que existe um amplo leque de instrumentos participativos sendo utilizados no cotidiano, permitindo, assim, uma avaliação realista sobre os potenciais e limites de cada um. Desta forma, fica mais compreensível que é necessária uma escolha do instrumental mais adequado a cada situação.

Indo além, queremos com esta publicação também colaborar com a desmistificação dos métodos, suas explicações labirínticas e suas siglas enigmáticas. A metodologia participativa não pode tratar apenas dos as-

pectos técnicos de aplicação desta ou daquela ferramenta, mas deve permitir uma visão do leque de opções disponíveis, analisar as consequências e os potenciais de cada um na vivência da participação.

A vivência de processos participativos permite compreender que participação não é harmonia. Nossa sociedade está baseada no conflito pelo poder, desde a esfera micro de nosso condomínio, até o destino dos rumos da nação. A essência da democracia está no conflito entre os diferentes interesses, e os mecanismos de participação devem possibilitar a redução dos mecanismos de exclusão. Os instrumentos participativos têm como função principal ajudar a estruturar as disputas sobre poder entre atores sociais, torná-las mais transparentes e, dessa forma, contribuir para uma distribuição mais equitativa de poder.

As ferramentas participativas possibilitam operacionalizar a participação. Nem mais, nem menos. A sua aplicação, por si só, porém, ainda não garante a qualidade da participação, ou em outras palavras, a qualidade da democracia. Ferramentas participativas podem ser aplicadas de forma autoritária, ou mesmo mascarar a manipulação. Em regra geral, instituições autoritárias não conseguem promover processos participativos, mesmo que apliquem instrumentos participativos. Esta experiência levou a gestora pública Sherry Arnstein a formular, em 1969, a Escada da Participação Cidadã.

A Escada de Arnstein consiste de uma tipologia de oito níveis para analisar o uso e descrever os impactos de instrumentos participativos, permitindo uma análise qualitativa quanto à participação. Partindo do primeiro degrau, da Manipulação, representado por conselhos sem informação ou sem poder deliberativo, a escada vai até o oitavo degrau, o Controle Cidadão. Desta forma, quando estamos utilizando uma ferramenta participativa, ao aplicarmos a análise de Arnstein podemos classificar qual a qualidade deste processo.

Devemos ter em mente, assim, que a participação não é neutra, sem gosto ou cheiro. Participação é mudança, é conquista e distribuição de poder.

A participação consiste essencialmente de processos decisórios, de escolhas, de definir prioridades. As ferramentas participativas aqui apresentadas auxiliam na redução da subjetividade que permeia todo processo decisório. É, portanto, importante que o usuário do instrumental participativo tenha clareza acerca dos pressupostos metodológicos da participação, e aja de acordo.

Queremos aqui contribuir para que as decisões sobre o uso do instrumental participativo sejam mais conscientes, e que sua aplicação seja mais profissional. Queremos jogar mais luz no que muitas vezes constitui

uma ‘caixa preta’ do método, ajudando a disseminar a ideia da caixa de ferramentas utilizada na facilitação de processos participativos. Estas não são as únicas ferramentas, outras encontram aplicação e atestam a criatividade de nossa sociedade na busca por uma democracia de maior qualidade.